



PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS
AUTORIZADO A CIRCULAR EM INVÓLUCRO FECHADO DE PLÁSTICO OU PAPEL PODE ABRIR-SE PARA VERIFICAÇÃO POSTAL

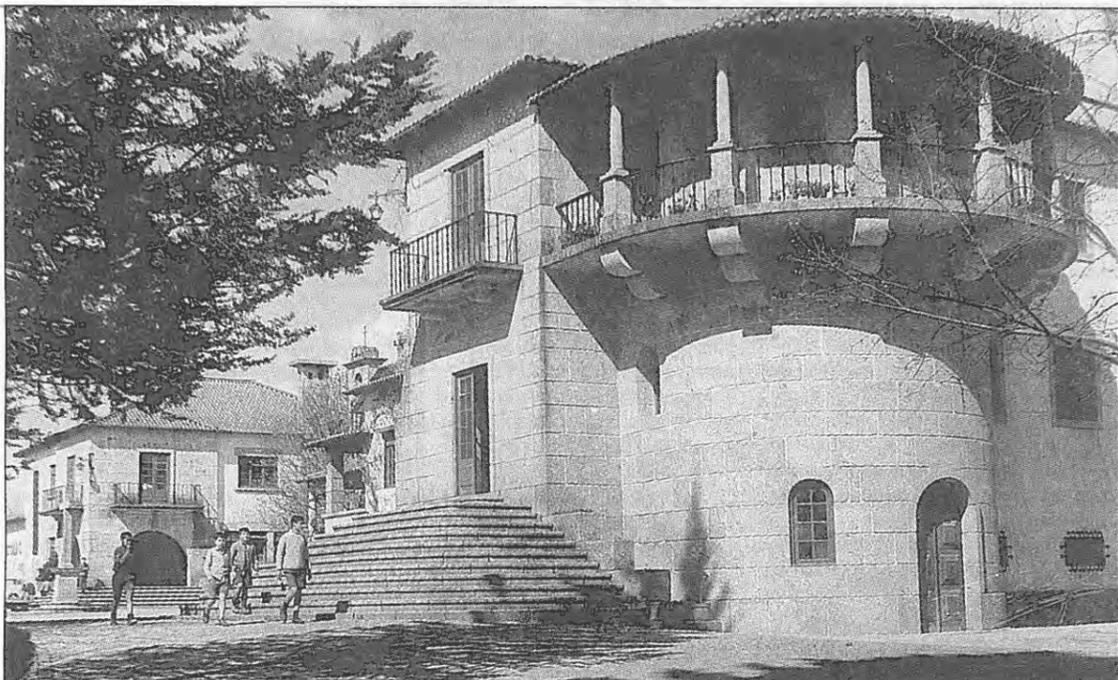
Gaiato

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Quinzenário — Autorizado pelos CTT a circular em invólucro fechado de plástico — Envoi fermé autorisé par les PTT portugais — Autorização N.º 190 DE 129495 RCN

3 de Fevereiro de 2007 • Ano LXIII • N.º 1641
Preço: € 0,33 (IVA incluído)
Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

Fundador: Padre Américo • Director: Padre João Rosa • Chefe de Redacção: Júlio Mendes C. P. N.º 7913
Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato — 4560-373 Paço de Sousa • Tel. 255752285
Fax 255753799 - Email: obradarua@ol.pt — Cont. 500788898 — Reg. D.G.C.S. 100398 — Depósito Legal 1239



Paço de Sousa segue a matriz de uma pequena aldeia de Portugal. A capela ao centro. Depois, casas feitas de «muito ar e luz». A dispersão não quebra a unidade nem o espírito de família.

Diferenças

Já a caneta deslizava no papel, direitinha ao título que tantas vezes se fez «Tribuna de Coimbra», quando demos conta de que o «estrado» era outro. A «bússola» da vida tinha-nos apontado o norte; um pouco mais acima. Estávamos, agora, na Casa do Gaiato de Paço de Sousa. Deixámos o ninho da Obra da Rua, a Casa do Gaiato de Miranda do Corvo, com tudo o que isso tem de emocional e apelativo. Mas, se Miranda do Corvo foi o berço da Obra da Rua, Paço de Sousa consolidou-a na dimensão pedagógica que lhe é inerente, na fidelidade à inspiração de Pai Américo. A dimensão estrutural das casas e dos espaços físicos revelam uma verdadeira intenção e orientação do acto educativo subjacente ao pensamento do Fundador. Como tal, condicionantes ambientais de educação. Paço de Sousa segue a matriz de uma pequena aldeia de Portugal. A capela ao centro. Depois, casas feitas de «muito ar e luz». A dispersão

não quebra a unidade nem o espírito de família. Hoje revela-se uma configuração estrutural e material apropriada ao grande número. Miranda do Corvo sempre foi a mais familiar de todas, concorrendo, para isso, o facto de ser mais pequena, encravada num modesto lugar da própria vila. Não comportando grandes números, evitou a massificação, correspondendo, aliás, às exigências actuais de uma educação de proximidade, mais personalista, que os grupos de grande número afrontam.

Aqui percebe-se melhor a inspiração de Pai Américo, o seu pensamento educativo, a sua forma de educar na e para a responsabilidade. Uma Obra deles para eles e por eles — matriz que lhe conferiu originalidade reconhecida e grande mérito: — o autogoverno.

A liberdade — exercida na responsabilidade e com grande espírito de solidariedade, para não haver atropelos.

A Confiança — é proibido espreitar.

Dimensões Humanas — a que o próprio espaço físico empresta configuração e acerto.

Continua na página 3

A propósito do referendo

QUANDO os homens ousam passar por sobre a Natureza, assumindo-se orgulhosamente «criadores» contra a Criação, sabotam a ordem estabelecida por Deus conforme ao Homem e transportam o que é simples e óbvio para o reino da confusão.

O Homem é naturalmente dotado de consciência. Sabe, a partir da profundidade do seu ser, que a vida é realidade sagrada e fora do seu arbítrio. Então que tem de achar ou não sobre que alguém opte pela morte de outrém, movido por conveniências pessoais?! É estulta a questão. Está respondida de uma vez para sempre: «Não matarás» — seja qual for a causa que desperte a tenção de o fazer e quaisquer que sejam as condições do vivo que se pretende eliminar.

Pois se a maioria dos homens do nosso tempo reprova a condenação à morte ainda que sentenciada por Tribunal competente a respeito de criminoso provado — como pode legitimar-se a decisão de uma pessoa singular para se desfazer de uma vida a que deu origem, mas não lhe convém? E ainda com esta nota agravante: uma vida absolutamente inocente e indefesa! Só a tendência malsã dos homens para complicar o que é simples, para relativizar o absoluto, lhes dá arrojo de transformar uma noção certa e intocável em interrogação. E os leva ao artifício de descriminalizar um aborto realizado até às dez semanas de gestação e a condená-lo como crime um dia após este prazo. Que dinamismo extrínseco interveio entre a concepção e este momento que explique, em fidelidade à Natureza, e fundamente tão oposto tratamento jurídico? Se não estivessemos tratando de coisas trágicas, me apetecia qualificar o artifício de ridículo.

Esta é a *essência* posta em causa: *não matarás*. Bem compreendemos que de uma gravidez indesejada podem resultar muitos *acidentes* desagradáveis. Pois que se previnam quanto possível; e diligentemente se procure remédio para os que passaram nas malhas da prevenção. Agora, violar a *essência* para salvaguardar os *acidentes* — não!

A penalização é bastante explorada em termos estatísticos e emocionais; mas, por quanto sei, o que mais frequentemente tem acontecido na justiça dos homens, é o tempero dela com a misericórdia. Não é a penalização o alvo do nosso pensamento. Tampouco julgo que o seja para a Jurisprudência. Quem dera aos agentes desta serem libertos da elaboração de códigos penais que se impõem como consequência da criminalidade!

Continua na página 3

Malanje

Estou convencido, Pai Américo faria o mesmo!

FOI hoje inaugurada mais uma casa comercial com licores no melhor hotel da cidade!

Os primeiros contentores carregados de bebidas encheram as estantes.

Mais álcool... o álcool embrutece...

No lugar do álcool — que venham sementes: de milho, batata, soja, feijão e instrumentos agrícolas. Instaurar nestes campos férteis a tracção animal... Que venham gentes do Sul para ensinar a manobrar a dita. Em vez de meio hectare

cultivado manualmente, podem cultivar 3 ou 4 hectares. Em vez de 10, podem colher 40.

Nunca levaremos felicidade ao povo com álcool e produtos importados.

NESTE último mês — mais sete empregos nos nossos hotéis da cidade! É um alívio. Não podemos mandar rapazes sem família para a rua. Não devemos mesmo. Como subsistiriam? Um

trabalho e uma ajuda inicial. Faremos, assim mesmo, que as nossas economias sofram.

Dentro do presente contexto desta sociedade, estou convencido, Pai Américo faria o mesmo.

COMEÇAMOS a vedar o nosso pomar com arame; logo, alta noite, o arame foi roubado... igualmente a nossa fruta e cebola.

Seria bom termos a nossa fazenda cultivada... A experiência dita-nos que ainda não chegou o momento. Também porque, no tempo da guerra, deixámos cultivar mandioca, milho e feijão aos particulares e grupos orientados por Irmãs. Estamos, há dois anos, mergulhando os capins para enriquecer os terrenos.

Também é bonito ver as nossas vacas pastando o capim. Nós amamos o capim! Ele é a nossa riqueza — é carne e é leite.

Continua na página 3

Pelas CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

AJUDA VICENTINA — «Já foram escritos milhares de textos e feitas milhares de reflexões e reportagens sobre os paradoxos das sociedades modernas. Porventura até já perdemos a conta aos textos que lemos ou às palestras que escutamos e às reportagens a que assistimos sobre o mesmo assunto. Mas a realidade teima em não mudar, porque na verdade ela só mudará se primeiro mudarem os corações desta sociedade, se as pessoas deixarem de fechar os olhos e fingirem que está tudo bem, que nada de anormal se passa.

Será que já nos acomodamos à situação ou, como é o televisor quem nos mostra com maior nitidez estes paradoxos, começamos já a sofrer de uma certa insensibilidade cinematográfica onde qualquer semelhança com a realidade é mera coincidência?

Os homens e mulheres deste tempo — e os cristãos por maioria de razão — não podem ficar insensíveis.

Há, hoje, cada vez mais e mais graves situações de pobreza, de injustiça, de marginalidade, de exclusão, de doença, de sofrimento e de abandono. Mas há, também, um número considerável de cristãos e cristãs e homens e mulheres de 'boa vontade' que, sensíveis a esta realidade, lutam por erradicar quanto de desumano existe por detrás de cada rosto desconhecido na sua sacralidade e, por isso mesmo, minimizado ou excluído.

A sensibilidades, as qualidades humanas, as convicções e a formação que procuram adquirir nem sempre é suficiente para que a relação estabelecida com que se encontra em situações dessas, seja um verdadeiro acompanhamento que leve a uma integração que não gera dependências, nem infantilizem, mas, ao contrário, dignifique as pessoas como imagem e semelhança de Deus e, por isso, objecto da nossa reverência.

Quem exerce voluntariado no campo social experimenta a necessidade de saber um pouco de tudo: de leis, de recursos sociais, de gestão, de relações humanas porque, na realidade, também são muitos os factores que concorrem e que arrastam uma pessoa para a marginalidade.»

De «Escalada»,
do Conselho Central do Porto,
da Sociedade de S. Vicente de Paulo

PARTILHA — Desta vez, e não há memória, não recebemos dádvas de Amigos dos Pobres. Situações que surgem...

O nosso Padre João, ainda agora afirma que não chegou nada para doentes, idosos, Pobres que precisam de algo para a sua saúde. Para a sua casa. Seja da farmácia, da mercearia ou de tudo o mais. Não temos alívio para o nosso trabalho — em nome de Deus...

No princípio da terceira semana somos abordados, à porta, por um doente com receituário importante.

Tiragem média
d'O GAIATO, por edição,
no mês de Janeiro,
53.300 exemplares

para um mal muito grave em sua boca, tratado no IPO. «*Eu estava dantes com muitas dores...*» E em seus olhos tristes saem lágrimas dolorosas: «*Vamos ver o que isto dará...*» Eles sofrem com os que sofrem...

A nossa gratidão para todos os Amigos que servem os Pobres.

Eis o endereço: Conferência de Paço de Sousa, ao cuidado do Jornal O GAIATO, 4560-373 Paço de Sousa.

Júlio Mendes

Paço de Sousa

DESPORTO — Ora aí está a primeira derrota da época, por um humilhante 0-3. Minha culpa, minha tão grande culpa, por ter aceite este jogo à última hora, sabendo eu que os Rapazes vêm de casa, do ano novo, com algumas (...) «minhocas» naquelas cabeças. Nem todos, claro!

Servimos de «bode expiatório», é um facto, atendendo que, entre a Casa do Benfica e a Associação Recreativa de Pias, ambos de Lousada, há uma certa «rivalidade», tendo o Pias perdido em nossa casa por 7-2. Tudo isto e muito mais eu avisei, mas não entrou nada, mesmo nada, naquelas cabeças, ainda meias adormecidas... No entanto, também não é menos verdade, que já não me lembro de ver uma equipa tão barulhenta e tão destabilizadora, ao ponto de influenciarem a arbitragem que, diga-se em abono da verdade, esteve péssima, bem como, alterar o estado de espírito dos Rapazes. Não teve, até certo ponto, influência no resultado, mas permitiu que o adversário criasse certas e determinadas situações, para conseguir os seus intentos. Acabamos por perder, já que os nossos Rapazes não puderam ter o discernimento necessário e não foram, mais uma vez, inteligentes. Parece que quanto mais jogam, menos maduros estão... (alguns)! Não podemos ficar à espera da falta que não existe, e mesmo que existisse.

A segunda volta está marcada para Junho, em casa deles e em campo relvado. Vai ser bonito!...

Depois de termos ganho em nossa casa por 2-0, fomos agora a casa dos Heróis F. C. perder por 2-1, com um autogolo do nosso defesa direito. Assim, custa deixar a vitória em casa de quem não merece. Não só não mereceram, porque não têm futebol para vencer, como também a postura de alguns jogadores não foi a melhor, dentro das quatro linhas. Mas o futebol é assim! Nem sempre ganha o melhor e, neste caso, foi mesmo isso, com alguns restos à mistura da passagem de ano.

No entanto, não vamos desanimar, apesar de, neste, momento estarmos com algumas baixas, por exemplo: «Bonga» que nunca mais ficou bom da lesão que contraiu há uns tempos atrás; Rogério volta a passar-lhe não sei o quê pela cabeça, fecha-se em «copas» e os outros que se amanhem... Enfim! Agostinho, agora, resolve fazer parte da capoeira. Só faltava esta! Vamos ter galinhas sem penas. Oxalá que a doença da gripe das aves não volte! Quer dizer... não pegue!

Apesar desta segunda derrota consecutiva, os rapazes não perdem a alegria de jogar e de fazer parte deste grupo de trabalho que, para já, tem jogos para todos os fins-de-semana até ao final de Março, com o resto da época, em movimento. Jogos não fal-

tam. O que é preciso é que a mentalidade de cada um acompanhe a evolução do nosso Grupo Desportivo.

Estamos no começo do ano de 2007 e eu aproveito para lançar um desafio às Casas do Gaiato de Miranda e de Setúbal: quem é que tem coragem de organizar o Inter-Casas deste ano?!?! O calendário está a ficar cheio!

BÁRTOLO FUGIU PARA SEMPRE! — Mais um que deixou esta família e que partiu para a Casa do Pai. Junta-se, agora, a Pai Américo e aos seus dois filhos que, tão novos, deixaram esta vida terrena.

Fernando Bártole Lopes, de 75 anos, pessoa bem constituída, fisicamente, não resistiu a um AVC que, no dia 31 de Dezembro de 2006, lhe bateu à porta. Ao fim de quinze dias de verdadeiro sofrimento, tendo resistido toda a noite, contra o que tinha de mais certo, esperou pela chegada de sua mulher e de seu filho mais novo, já que o mais velho, se encontrava no funeral do sogro, para se despedir deles. De segreda fecho os olhos, para nunca mais os abrir.

Teve Missa de corpo presente, celebrada pelos nossos Padres: João, Manuel Mendes e Custódio, sendo o primeiro o presidente da Eucaristia.

Pai Américo escreveu naquele tempo: «*Ontem à noite dei aviso que já se encontrava na estação de Cête o barril de óleo de fígado de bacalhau e que a guia está comigo. São duzentos litros dele. Este foi o derradeiro aviso da noite. (...) Tudo correu na forma do costume, mas ao aviso do óleo de fígado de bacalhau: oh caras! oh gemidos! oh protestos! O Bártole, cuidando que o óleo já ia ser dado naquela noite, desata a fugir pela porta fora. Mas todos tomaram, todos.*»

Desta vez, fugiu de vez, para junto d'Ele. Que a tua alma descanse em Paz.

Alberto («Resende»)

Miranda do Corvo

AGRICULTURA — Estamos na época da poda, por isso a nossa tarefa tem sido podar, apanhar os vimes, recolher os ramos caídos e levá-los para os queimar. Também temos de cortar e transportar a erva para os animais.

ANIMAIS — A semana passada nasceram dois borregos. Neste momento, temos várias ovelhas prenhas, o que significa que, dentro de pouco tempo, haverá mais borregos.

VISITAS — No dia 18 de Janeiro, tivemos a visita dum Escola Secundária de Seia. Eram 120 alunos do 10.º ao 12.º anos. Visitaram a nossa Casa, jogaram futebol connosco e, no final da manhã, foram embora. Antes disso ofereceram algumas coisas, bem como um cheque com uma importância «bem simpática». Desde já agradecemos as ofertas para a nossa comunidade.

No dia 20 de Janeiro, tivemos outra visita, de um grupo de rapazes e raparigas. Realizaram algumas actividades no campo de futebol com os nossos rapazes. Trouxeram uma merenda, a qual partilhámos no final da tarde. Depois disso foram embora.

Agradecemos o carinho e a simpatia que nos dispensaram, bem como a merenda que partilharam connosco.

Gaiatos do Alternativo

Setúbal

CAMPO AGRÍCOLA — Os nossos terrenos estão cheios de cevada, apesar do saramago começar a actuar, constituindo, assim, uma praga. Contudo, devido à fortaleza da nossa cevada, o seu crescimento é notório. Por essa razão, daqui a alguns meses, começaremos a ceifa, com a finalidade de servir de alimento ao nosso gado.

CASA — No passado dia 18 de Janeiro veio cá um grupo de jovens de uma escola secundária, que frequentam o 12.º ano. Visitaram a nossa Casa e passaram o dia connosco. No final, ofereceram uma merenda. Foi um dia diferente e muito divertido. Também eles nos convidaram para visitar a sua escola, tal foi a impressão satisfatória que ficaram de nós.

VACARIA — Como é habitual, todos os anos, pelo mês de Janeiro, vem à nossa Casa um grupo de veterinários, coordenados pelo Dr. Dário, que procedem à colheita de sangue para análise como bem os registos do nosso gado. A produção de leite está a aumentar, visto que as nossas vacas estão a parir, e a começar a dar leite.

POMARES — No começo de Janeiro, os rapazes e o Fernando, responsável pela agricultura, começaram a arrancar o pomar grande para dar outra finalidade ao terreno, visto que as laranjeiras hoje em dia não dão nada e não temos meios para cuidar do pomar.

CAMPO DE JOGOS — Alguns rapazes já fizeram as marcações de futsal, de voleibol e basquetebol, no nosso campo de jogos, faltando, assim, completar uns pequenos trabalhos que serão feitos pelos nossos seralheiros, tais como: colocar balizas e as tabelas de basquetebol. Estamos ansiosos pela sua inauguração, que está para breve.

Gualberto

Associação de Antigos Gaiatos do Norte

Em 17 de Janeiro, chegou-nos a triste notícia do falecimento, repentino, do Fernando Bártole, o «Lua», aos 75 anos, que vivia, actualmente, em Cête.

Entrou na Casa do Gaiato de Miranda do Corvo e veio para Paço de Sousa como um dos «fundadores» desta Casa.

Trabalhou na oficina de serralharia e, no futebol, foi um grande guardaredes.

Rumou a Angola, onde trabalhou na Câmara de Luanda como operador de máquinas pesadas, em 1961 — experiência que o marcou para toda a vida.

Pensando ficar por lá, investiu tudo o que tinha, comprou terreno e pensou construir casa.

Após os acontecimentos de 1974-75, regressa a Portugal com a mulher e os filhos — sem nada!

Fêz a sua vida como funcionário

no Quartel de Engenharia de Espinho.

A sua esposa, filhos e demais família, deixamos as nossas sentidas condolências e uma palavra de amizade na partilha da sua dor. Que Deus o tenha em bom lugar!

Júlio Fernandes («Régua»)

Associação de Antigos Gaiatos e Familiares do Centro

No dia 7 de Janeiro comemorou-se mais um aniversário da Obra da Rna, em Miranda do Corvo, pois foi lá que nasceu a primeira Casa, em 1940.

A Câmara Municipal daquela Vila tomou a iniciativa de prestar uma pequena homenagem, tendo, entre outras pessoas, convidado também a nossa Associação, que se fez representar, como é nosso dever, pelo que estivemos presentes na Sessão realizada no Cinema local.

Foi uma ideia bonita que, ao longo dos 67 anos, nunca qualquer executivo camarário local tinha feito, embora desde sempre tenha colaborado, das mais diversas formas, com a Casa, ajudando, sempre que necessário, e continuará. Pela nossa parte, ficámos agradecidos à sua Presidente e respectiva Vereação, bem como às pessoas que se dispuseram a fazer parte da Sessão em causa.

Mas nem tudo são rosas. Cá estamos, de novo, infelizmente, com mais um espinho cravado. Desta vez, lamentando o falecimento de mais um companheiro que vivia em Cascais, o Joaquim Alberto Pais, «Nelas», cuja notícia nos chegou no próprio dia, 16 de Janeiro, cujo estado de saúde desconhecíamos.

Um tumor maligno detectado num pulmão, em Maio, acabou por o vencer, sem apelo nem agravo, o que nos deixou atónitos ao termos conhecido do sucedido.

Chegou a fazer parte dum Direcção, sempre interessado nos nossos movimentos desde a primeira hora, comparecendo e apresentando sugestões. A sua idade rondava os 70 anos.

A sua mulher, filhos e restante família, que também o acompanhavam nas suas deslocações às nossas realizações, apresentamos os nossos mais sentidos pésames. Paz à sua alma.

Manuel dos Santos Machado

Cartas Partilho convosco

«Dizer o quanto vos admiro, compreendo e estimo, quase se torna desnecessário, pois sois, para mim, mais uma família. Convosco estou e partilho preocupações, tristezas e alegrias.

Estou certa que o espírito e ideal de Pai Américo não deixará de vos inspirar.

A propósito do referendo

Continuação da página 1

Introduzir a misericórdia na execução da justiça me parece sempre bom princípio. Diria mesmo que é projecção na justiça dos homens do modo da Justiça Divina. Mas nunca a norma de trocar os nomes às realidades substanciais: A vida é Bem que compromete Deus, o Senhor da Vida; suprimi-la é Mal que necessariamente responsabiliza quem o faz.

O alvo de todos os interesses é, pois, o crime, a evitar, a diminuir — fruto de múltiplos esforços. Esforços de prevenção que têm um largo campo de manobra, a partir da distinção correcta entre liberdade e libertinagem, em respeito incessante aos valores da Natureza. A Ecologia não é apenas ciência do ambiente. Antes, decerto, de debruçar-se sobre as espécies vivas, animais ou vegetais, em vias de extinção, tem de preocupar-se com o ser humano, afinal também ele espécie correndo o mesmo risco.

E aonde, e quando, a prevenção não chega, a Sociedade, algo cúmplice no problema que se põe, tem de encontrar medidas eficientes que lhe respondam em alternativa à «fatalidade» do aborto — solução preguiçosa, cobarde, que, permitida, senão mesmo fomentada, indignifica a própria Sociedade. E para estas medidas não é precisa uma criatividade excepcional. Quase todas caberiam em uma Política da Família que não há e deveria

haver, toda voltada para o crescimento da natalidade e sustentabilidade das famílias — esta, sim, a forma sem alternativa de contrariar o envelhecimento preocupante da população.

E para os casos sobranes, a adopção (a pedir um TGV que a agilize!) e instituições dispostas e capazes de fazer-se eco da voz de Madre Teresa de Calcutá, dirigida a mulheres em transe de abortar: «Não o façam. Dêem-me os vossos filhos e nós os criaremos».

E porque não era capaz de dizer tão bem o que quero, termino esta reflexão com a que o Professor António de Sousa Franco nos ofereceu em 1998, a propósito do anterior referendo: «A legalização do aborto livre — diferente de justificação ou desculpabilização de casos concretos — é a passagem de uma fronteira decisiva, representando um retrocesso civilizacional que permite — como outrora na lei da selva — o domínio dos fortes sobre os fracos, dos que já estão na vida sobre os que vêm depois. Essa não é a sociedade humana que sempre idealizei».

Porque também não queremos essa sociedade desumanizada, embora considerando irrazoável tal pergunta, uma vez posta, ela constitui-nos em dever cívico e moral de lhe dar resposta no lugar de voto.

Padre Carlos

Diferenças

Continuação da página 1

De todos os modos, a primazia pertence à intensidade afectiva, isto é: à possibilidade de expressão, de crescimento saudável e equilibrado de todas as dimensões humanas: física, psicológica e espiritual. Os espaços são o que são: condicionantes, mas não determinantes. O que vale sempre é a qualidade relacional em que as pessoas se movimentam. E a percepção de quem chega ou o impressão que leva quando parte, é muito imparante e deve levar-nos a reflectir.

Guardaremos sempre, do Casa de Miranda e para memória, a sua feição familiar, a boa inserção local — a nossa fonte tão concorrida ao longo do ano todo: um sinal! Também, a inserção diocesana. Aqui expressamos a nossa gratidão para com os nossos Bispos, D. João e D. Albino, atendida ao acolhimento que nas suas Pessoas sempre sentimos. De igual mada, nas Comunidades Paroquiais de Coimbra, principalmente por ocasião dos peditórios quoresmais: S. Bartolomeu, Igreja

do Carmo e da Graça, Sé Nova e Sé Velha, Santo António dos Olivais e, principalmente, Santa Cruz e S. Jasé. Finalmente, a prestimosa colaboração tanto das autarquias de Miranda do Corvo como de Coimbra — Sé Nova a que pertence o nosso Lar. De entre todas as Instituições, vai a nossa gratidão para com os Bombeiros Voluntários que se mostraram sempre prontos e voluntários para conosco. Um aceso final às escolas onde estudam os nossos Rapazes em Miranda e principalmente, em Coimbra: Colégio S. Pedro, Martim de Freitas, Avelar Brotero, D. Dinis, IIEFP e Quinta da Conrario.

Padre João

Querendo partilhar convosco do que o Senhor generosamente nos concede em cada dia, vão uns cobrezinhos para a Obra.

Agradecida por todo o vosso apostolado, certa das vossas orações, cumprimenta com amizade,

Assinante 21374».

Deus ainda dá vida

«As bênçãos do Senhor Jesus, para todos vós, é o que de coração vos deseja esta amiga. Junto um vale, parte da minha reforma. Como sabem, a reforma é das pequenas, mas dou graças ao Senhor por a receber, é sinal que Ele ainda dá vida.

Tenho 79 anos, já estou a ficar difícil de aturar.

Sem mais, beijinhos para todos e em especial para os mais pequeninos. Que Deus vos ajude; não mandem recibo.

Assinante 27884».

A memória fica

«Peço desculpa de só agora enviar um pobre cheque para pagar O GAIATO, que acabo de

ler. Mas os anos vão passando e a idade não perdoa. Não é de agora, sempre assim foi. Que o digam os Padres da Rua que eu conheci ainda jovens. Tanto no Tojal como em Paço de Sousa e, mais tarde, em África, para onde Pai Américo me mandou mais minha mulher. (Está escrito n'O GAIATO de Março/1956). O tempo passa, mas a memória fica. Quem conviveu com Pai Américo, não o pode esquecer.

Tenho muito orgulho de ter passado pelas Casas do Gaiato. Tenho obra feita na Casa do Gaiato de Santo António do Tojal, já mostrei aos meus filhos e netos.

Estive com a minha mulher na Festa dos cinquenta anos da morte de Pai Américo.

(...) Em Janeiro também fiz cinquenta anos de casado. Reuni os filhos e netos, quando digo filhos estão a nora e o genro. Foi assim que aprendi na Casa do Gaiato.

Quero aqui dizer, não é para gabar, mas o filho foi adoptado e tem dois filhos adoptados; a filha é legítima, nasceu 4 anos depois do casamento. Mas somos todos muito felizes; em suma, uma Família. Não tenho dúvidas, tenho

Malanje

Continuação da página 1

FIZEMOS eleições. É sempre um momento alto: Os que serviram, os que vão servir...

Alguns dos chefes antigos vão estudar ou para o primeiro emprego.

Foram escolhidos: o Santos, Roberto, Inácio, Odé, Mito, Mateus e Mandingo. Certo. Estão cheios de vontade e todos prometeram cooperar com eles. Só assim haverá harmonia e uma certa viragem na nossa Aldeia.

Padre Telmo

a certeza que sou protegido pelo Pai Américo.

Para todos os gaiatos e todos os Padres da Obra da Rua, um muito obrigado por existirem.

Assinante 68114».

DOCTRINA



O povo devia estar educado e preparado para as emigrações...

HOUVE ontem grande falatório aqui perto, na estação de Cête, quando uma mulher desceu do comboio, pousou uma cesta e tornou a embarcar. Viu-se que a cestinha continha uma criança recém-nascida! Telefonaram para a estação imediata. Apanharam a mulher. Esta deu explicações. É casada. Tem o homem ausente. Concebeu um filho doutro. Veio colocá-lo ali, com mira na Casa do Gaiato.

ATÉ aqui o facto. Vamos à lição. Não falta quem atire pedras à adúltera. Ela, realmente, tem culpas. Tem, mas não é só, nem é a principal. Outros entraram no crime. Se a opinião pública fosse uma entidade justa, havia de exigir a presença do homem e ali mesmo, ao pé do fruto do pecado, condenar os dois. Mas não se faz assim. Ninguém protege, antes todos abusam da fraqueza da mulher.

Mas há outra lição na tragédia. Na aflição suprema desta mulher. Ela é casada. Tem o homem no Brasil, segundo me chegou aos ouvidos. Ora ele devia ser uma excepção muitíssimo particular, isto do marido deixar a mulher na sua pátria e ausentar-se dela. O Povo devia estar de tal forma educado e preparado para as emigrações, que fosse tomado por escândalo social o homem que embarca e deixa a mulher em terra; como seria de facto, se o contrário se desse.

OS casais com esperança nas vantagens de emigrar deviam habituar-se a pensar e agir no plural: «Nós vamos embarcar». Assim, sim. Mas não é isso que se vê. Tudo são razões para deixar a mulher em casa e esta, às vezes, também parece tê-las para deixar ir o homem sozinho! Sobretudo se o marido vai para África, lá muito longe, aonde não há divertimentos. Que maçada! Casos tem havido em que o marido vai para o casamento com o passaporte na algibeira e a mulher é sabedora e a família também e todos dizem que sim!

DEPOIS... crianças colocadas em cestos à beira dos caminhos e outras, quantas delas, liquidadas por outros processos! Oh desgraça nossa! Sangue inocente a clamar! Atenção às noivas. Atenção aos noivos. Não pode haver interesse nem força maior que o bem espiritual do Lar. Comunhão. Presença. Participação. Vai um e fica outro? Bem sabemos que não é por isso um lar desfeito. Não é. Mas é, com certeza, um lar exposto. E pode vir a ser um lar desfeito... em lágrimas e torturas! O caso desta nota da quinzena (Pudera eu salvá-la, só porque ela quis salvar o filhos!); este e outros que tu conheces e até talvez o teu caso — todos eles são documento.

D. Amín. 5!

(Do livro Doutrina, 1.º vol.)

Panorâmica da nossa Capela na Casa do Gaiato de Moçambique.



Momentos

A lei do trabalho

FOI num destes princípios de noite em que o frio começa a apertar logo que o sol se esconde.

Os rapazes chegavam a Casa dos trabalhos, e vêm cumprimentar-me, esfregando as mãos:

— Sr. Fulano, está tanto frio!...

— É verdade — respondi-lhes. — Quereis aquecer-vos? Venham comigo para a cozinha que aí está quentinho e ajudamos a senhora a fazer o jantar.

Eram três os friorentos. Nenhum se negou.

Dois foram preparar a alface e o terceiro ajudava a senhora a fritar carapaus. Eu colaborava com os da alface, cortando, com a unha do dedo polegar, as tenras folhas dos legumes, para dentro duma cuba, larga e funda, de aço inoxidável, cuidadosamente lavada e meia de água límpida. Os meus companheiros; um, desfolhava, também, e lavava, demoradamente, as folhas, passando-as, de seguida, para outra cuba igual, contígua, na bancada da copa; outro, as tornava a lavar e as ripava, para fazer um grande tabuleiro, a escorrer, para, de seguida, as temperar com cebola, sal, limão e azeite, num enorme alguidar.

Terminada a operação, foram sentar-se na sala de jantar a rezar o Terço com a Comunidade que, entretanto, se havia reunido para o efeito, ali, ao lado, consolados pelo trabalho feito em favor dos outros.

A senhora manifestava-se amparada, os rapazes aquecidos, mas o ajudante da fritadeira lançava, de vez em quando, um olhar intriguista para o refeitório, cujo sentido quis saber:

— Que tens Nuno? — perguntei-lhe, no fim do Terço.

— Nada. Os gajos, depois, começam a gozar.

O desabafo do jovem atravessou o meu coração, como uma espada de dor, inesperadamente, confortado que estava com o alegre desembaraço dos rapazes.

O ambiente cultural tem muito peso no ânimo dos psicologicamente débeis.

Os convencidos da própria esperteza comem o que os outros preparam e, ainda, se riem deles!...

Quantos adolescentes e jovens são vítimas inconscientes deste equívoco demolidor.

Quantas centenas ou quantos milhares?

Vamos às cadeias, onde a juventude se apinha, vamos aos lupanares onde os jovens apodrecem, vamos às legiões dos sem abrigo e perguntemos quantos se meteram neste beco, sem saída, porque se intrigaram com o riso dos outros?

Examinemos, também, o que se passa em muitas das Escolas públicas, onde o ambiente é muito mais de diversão do que de estudo!...

O conceito de valor natural do trabalho que o Nuno intui e sente, que o faz «Homem», é estragado por ideias falsas, eivadas de egoísmo, com que a mentalidade materialista actual envenena as consciências e destrói, paulatinamente, o que nelas ainda há de puro.

A laboriosidade como virtude natural, elevada pela fé à categoria de colaboradora de Deus, no Seu desígnio Criador, é objecto de catequese contínua nas Casas do Gaiato, não só teoricamente, mas também na prática.

O amor pelos rapazes leva-nos a fazer tudo, para lhes inculcar o gosto pelo trabalho, não só porque não terão outros meios de sustento para si e para a sua futura família, mas, sobretudo, porque de outro modo não se fazem «Homens».

— Não te importes Nuno. O riso deles não vale nada. A tua acção é nobre e, isso, deve alegrar-te.

Padre Acílio

PENSAMENTO

Resolveu-se em sessão plenária que no dia seguinte saíssemos a semear. Enquanto o fazemos nas igrejas, afirmamos publicamente a Pobreza Altíssima do Evangelho, denunciámos o deus-milhão e negamos o valor dos seus inúmeros e desorientados adoradores. Sem prestígio, sem política; fracos e ignorantes — nunca se viu tanta audácia na mão de homens assim!

PAI AMÉRICO

Benguela

Os problemas vão continuar

A área da saúde é muito sensível em qualquer parte do mundo. A força ou a debilidade dum povo depende também da boa ou má organização dos serviços de saúde. Os medicamentos são uma parte importante. Ao tocar neste ponto, quero referir-me aos preços elevados por que são vendidos. A maioria da população não tem possibilidades. Pobre gente que não tem outro remédio senão morrer!

Por isso, assumimos, como uma das prioridades das nossas ajudas, o custo dos medicamentos, até onde for preciso. Quantas vidas de mães e filhos salvas, a tempo e horas, porque não faltaram os remédios! Há três dias, bateu-nos à porta o homem com sua mulher, em estado muito grave. Necessitava de sangue e mais o que fosse necessário. Não tinha dinheiro. Pôs as mãos na cabeça e eu também. São verbas grandes a sair do coração diariamente. Quem me dera ter um hospital, onde pudesse acolher todos os doentes, mais pobres e miseráveis, com uma pequenina equipa, ao jeito do grão de mostarda, com muita energia interior, capaz de gritar que não é só com muito dinheiro que se resolvem os problemas, mas com muito amor. Passados poucos dias, o homem trouxe-me a notícia de que a mulher estava salva, acompanhado duma receita de grande valor. Paguei!

É verdade que os problemas vão continuar. É verdade que, deste modo, não se resolvem todos os problemas. Sim, ainda que um só seja resolvido, vale a pena fazer tudo o que está ao nosso alcance. Mas são tantos, tantos, tantos! Quem dera esta verdade entrasse na construção do edifício humano de cada pessoa. A frase, carregada de mistério, que Jesus disse: “Pobres sempre os tereis convosco” não significa que a tensão do nosso coração há-de estar sempre virada para os outros? Benditos os que assim entendem as suas vidas! Ai dos pobres se não fossem os pobres de coração!

Cada vez me parece mais actual a intuição inspirada de Pai Américo, ao dizer que cada comunidade, cada paróquia deve cuidar dos seus pobres. Vejo-os, por aí, à deriva, a bater de porta em porta, humilhados, como farrapos humanos, sem terem um lar que os acolha para matar-lhes a fome e curar-lhes as feridas. São portadores da mesma dignidade humana e divina que está em mim e em cada um de vós. A Igreja tem uma palavra autorizada e comprometida nesta área social. O Estado não pode nem deve ficar alheio. Avanço um pouco mais e fico à mistura com os doentes incuráveis, sem eira, nem beira, à espera da Casa de Família para eles. Igreja de Jesus Cristo, “a Minha Igreja”, mostra o rosto maternal de Deus e o coração de Mãe para com estes filhos que devem ser a porção mais querida dos teus cuidados!

Ando um pouco aflito, para além das grandes aflições que vêm acima, porque preciso de fazer obras de restauro em algumas habitações dos rapazes. Envolvem gastos consideráveis. O dinheiro vai chegando para o dia a dia. Mas as obras comem muito, duma só vez. Que fazer? Esperar. Tudo o que nos chega vem do vosso coração. É aí o ponto de partida. Quero dizer à senhora D. Maria Oliveira Cruz que recebi a sua carta com a notícia do seu vale de correio. Obrigado!

Padre Manuel António

Setúbal

O escritório é lugar de trabalho

O nosso escritório, tal como todo o escritório que se preze, é um lugar de trabalho.

De quando em vez, somos assaltados, de rompante, por algum rapaz que, muitas vezes sem bater à porta, entra com o seu problema para resolver, muitas das vezes, um simples desabafo.

O Nino é um dos habituais frequentadores que, com o seu olhar sério mas comunicativo, nos vem apresentar as suas queixas: — Senhor Padre Júlio, o fulano deu-me um caroque na cabeça!

Hoje, o mesmo Nino, entrou encavalitado no Abel, qual cavaleiro conquistador de alegria. Depois dele, entra o Luís no dorso do irmão, André, feliz como ninguém. Uma verdadeira arte de cavalgar a amizade.

Nem sempre há disposição para nos alegrarmos com eles. A vida, hoje, cheia de tantas coisas, ora complicada pela conveniência de muitos que no emaranhado encontram a justificação para o seu ganha-pão, ora por uma multiplicação de actividades necessárias ao desenvolvimento dos rapazes, apanha-nos e prende-nos em suas malhas.

O escritório está situado num lugar exposto, de passagem. Privacidade é coisa que não podemos nem queremos ter. Temos de estar sempre dispostos a entrar nas cenas que os rapazes vão criando. As nossas entradas são, muitas vezes, impetuosas, a marca distintiva da nossa maneira de viver orientada pela intuição.

Há dias, pediram-me para receber um rapaz. Disse-ram que primeiro teria de ir falar com umas senhoras doutoras que me iriam pôr ao corrente da situação do mesmo e da sua família. Depois, marcaríamos uma entrevista com o moço e seus familiares. Precisamente o processo oposto ao dos nossos critérios.

Disse-lhes que primeiro precisava de saber a morada para o ir conhecer e àqueles com quem vive. Para depois ficaria, se fosse um caso nosso, o acerto de algumas formalidades que a lei, qual prova da fragilidade do homem, exige. Se o homem confiasse no outro homem, não seria necessária a lei. Mas andamos cada vez mais arredios deste ideal, veja-se a cada vez maior teia legal sobre tudo o que é actividade humana. Muitos chamam a isto perfeição.

Até agora, não me deram qualquer resposta. Torna-se muito difícil entender a nossa maneira de viver, para quem fez toda a sua formação em ordem ao trabalho social, agarrado aos livros e sebatas. O ser humano, neste campo, não é objecto para uma ciência exacta, embora possam ser sistematizados muitos comportamentos.

Nem sempre aquilo que parece é. Assim sucedeu com o Hildeberto, um habitual esquecido por tudo o que serve de apêndice ao seu corpo: os óculos, as peças de roupa que lhe servem de agasalho, tudo deixa abandonado quando deles se desfaz para brincar.

O Mussa percebeu os apertos em que ele ficava quando aparecia sem o que lhe era dado, por vezes de considerável valor. Vai então começa a esconder esta ou aquela peça de roupa do Hildeberto, não havendo dia em que tal não aconteça. Os seus risos malandros e a multiplicidade de tropelias, ajudaram a esclarecer os mistérios da roupa desaparecida.

Agora, entrou no escritório o Rúben. Vem dizer que quinta-feira vai fazer anos e quer fazer o seu primeiro Bilhete de Identidade nesse dia...

Padre Júlio